

Já sem sapatos, Mellors calçou umas chinelas e subindo a uma cadeira desceu o quadro. Ficou na parede um grande quadrado de cor diferente.

Foi à despensa e trouxe martelo e alicate. Sentou-se e pôs-se a arrancar os preguinhos das costas do quadro — sempre calmo e absorvido como era em tudo.

Sacou fora a fotografia no "passe-partout" branco. Olhou-a com ar divertido.

— Eis o que fui! Um jovem cura. E ela, uma tirana. O donzel e a tirana!

Naquele retrato tinha realmente o ar dum jovem cura, muito bem barbeado, arrumadinho — tipo do moço de há vinte anos. Seus olhos vivos e indomáveis já estavam na fotografia. Mas a mulher não era só uma tirana, apesar da forte maxila. Revelava algo atraente.

— Nunca devemos conservar estas coisas, disse Constance.

Mellors fez em pedaços a fotografia, e lançou-os à la-reira.

— Vai mas é estragar o fogo, observou; depois desfez a moldura e guardou os pedaços na despensa, dizendo: Isto queimaremos amanhã; há muita massa em cima da madeira.

Em seguida tirou a mesa e sentou-se.

— Tem amor por sua mulher? perguntou-lhe Constance.

— Amor? Tem você amor por Sir Clifford?

Mas Constance não se satisfaz.

— Há de, entretanto, sentir qualquer coisa por ela.

— Sentir qualquer coisa? repetiu ele rindo.

— Sim, por que não?

— Eu? E seus olhos se dilataram. Ah! Não! Nem pensar nela posso, concluiu, tranqüilamente.

— Então por que não se divorcia? Assim ela ainda acabará voltando.

— Oh! Não voltará por coisa nenhuma. Ela me odeia mais do que eu a ela.

— Pois vai ver que volta.

— Nunca. Acabou tudo. Ficaria doente se a visse.

— Pois vai vê-la. E creio que nem separados legalmente estão ainda, não?

— É verdade.

— Ah! Ela voltará, sim, e você será obrigado a tê-la consigo...

Mellors encarou Constance fixamente; depois sacudiu a cabeça num movimento que lhe era habitual.

— Talvez tenha razão. Fui um imbecil de ter voltado para cá. Mas sentia-me perdido, naufragado — tinha que pousar em qualquer parte! Nada pior que a vida de um vagabundo sem terra. Mas você tem razão. Preciso obter o divórcio e readquirir minha liberdade. É que nunca suportei essa coisa: funcionários, tribunais, juizes — mas não há remédio. Sim, vou divorciar-me.

Suas maxilas cerraram-se e Constance exultou.

— Estou querendo tomar uma xícara de chá, disse ela.

Mellors levantou-se para preparar o chá, mas sua expressão permaneceu a mesma. Depois que se sentaram, ela indagou:

— Por que motivo casou-se? Ela era inferior a você, Mrs. Bolton falou-me, e disse que nunca pôde compreender esse casamento.

— Vou contar. Aos dezesseis anos comecei a namorar uma pequena, filha dum professor em Ollerton, linda, realmente linda. Tinha meu renomezinho como estudante; es-tivera no colégio de Sheffield, sabia meu francês, meu alemão e andava orgulhoso da minha superioridade. Ela, uma romântica das que detestam o vulgar. Impeliu-me para a poesia e a literatura, e em certo sentido me formou. Li furiosamente e pensei muito, tudo por causa dela. Estava empregado nos escritórios de Betterley e era um rapazinho esbelto, pálido, refrigente de literatura. Conversava com ela sobre tudo, absolutamente tudo. Nossas conversas nos levaram de Persépolis a Tombuctu. Ninguém encontraria neste condado, ou em dez condados, um parzinho mais literário, mais cultivado que nós. Havia êxtase entre nós. Vivía nas nuvens e ela me adorava. Mas a serpente estava escondida na erva: o lado sexual. Nenhum temperamento nela, pelo menos lá onde eu queria — e ia cada vez mais emagrecendo e enlouquecendo mais. Por fim declarei-lhe que era indispensável sermos amantes. Persuadi-a com as minhas palavras, como de hábito, mas não encontrei nela nenhum desejo, nenhuma urgência. Adorava-me, adorava ouvir-me falar e deixar-se